

A ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM PERANTE A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA¹

NURSING ASSISTANCE IN THE FACE OF OBSTETRIC VIOLENCE: INTEGRATIVE LITERATURE REVIEW.

Fabia Milena Kruger Rodrigues²
Glauca Cristina dos Santos França de Sant'Ana³

RESUMO

A violência obstétrica pode ser definida com base em um tratamento desrespeitoso, abusos físicos e verbais, e procedimentos sem consentimento durante o parto. O objetivo do estudo é compreender a assistência do enfermeiro perante casos de violência obstétrica, identificar a conduta do enfermeiro perante a violência obstétrica e pontuar medidas de humanização do enfermeiro durante o parto, visando a prevenção da violência obstétrica. Trata-se de uma revisão integrativa, realizada em bases como *BIREME*, *PubMed*, *Science Direct*, *LILACS* e *SciELO*, foram selecionando publicados nos idiomas inglês, espanhol e português, com recorte temporal 2019 a 2023. Os descritores utilizados estão descritos no Descritores em Ciências da Saúde, foram os seguintes: violência contra a mulher, Gravidez, Enfermagem e Violência Contra a Mulher. Os resultados mostram que a assistência de enfermagem é essencial para oferecer um atendimento seguro e humanizado às mulheres durante o pré-parto, parto e pós-parto. O enfermeiro obstetra promove práticas humanizadas, oferece apoio emocional e em caso de identificação de violência obstétrica realiza intervenção imediatas. Os direitos das gestantes, devem ser abordados junto a equipe, por meio da educação e sensibilização de todos os profissionais de saúde. Conclui se que é imperativo que as instituições adotem políticas que aumentem a sensibilização dos enfermeiros, integrando a prevenção da violência obstétrica nas diretrizes de atenção à saúde materno-infantil.

Palavras-chaves: Cuidados de Enfermagem; Enfermagem; Gravidez; Violência Contra a Mulher.

ABSTRACT

Obstetric violence can be defined based on disrespectful treatment, physical and verbal abuse, and procedures without consent during childbirth. The objective of the study is to understand nurses' assistance in cases of obstetric violence, describe nurses' conduct in the face of obstetric violence

¹Trabalho de Conclusão de Curso como pré-requisito para obtenção do Grau em Bacharel em Enfermagem

²Graduanda do 10º período do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Vila Velha – UVV. E-mails: fabia.kruger@outlook.com

³Mestre em Enfermagem, Professora orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Vila Velha – UVV. E-mail: glauca.santana@uvv.br

and point out measures to humanize nurses during childbirth, changes in the prevention of obstetric violence. This is an integrative review, carried out in databases such as BIREME, PubMed, Science Direct, LILACS and SciELO, selecting publications in English, Spanish and Portuguese, with a time frame from 2019 to 2023. The descriptors used are described in Descriptors in Sciences of Health, were the following: violence against women, Pregnancy, Nursing and Violence Against Women. The results show that nursing care is essential to offer safe and humanized care to women during prepartum, childbirth and postpartum. The obstetric nurse promotes humanized practices, offers emotional support and, if obstetric violence is identified, performs immediate interventions. The rights of pregnant women must be addressed together with the team, through education and awareness among all health professionals. It is concluded that it is imperative that institutions adopt policies that increase nurses' awareness, integrating the prevention of obstetric violence into maternal and child health care guidelines.

Keywords: Nursing Care; Nursing; Pregnancy; Violence Against Women.

1 INTRODUÇÃO

A apropriação do corpo e dos processos reprodutivos das mulheres pelos profissionais de saúde se manifesta em tratamentos desumanizados, uso inadequado de medicamentos e a patologização de processos naturais. Isso resulta na perda de autonomia das mulheres para decidir sobre seus corpos e sexualidade, afetando muitas vezes seu bem-estar físico e mental (Gregorio, 2010).

A Organização Mundial da Saúde, por outro lado, denomina violência obstétrica como qualquer ato desumano e desrespeitoso, o que pode transcender todos os níveis de atenção baixa, média e alta complexidade, somada a negligência e maus-tratos maternos e neonatais, que podem acarretar danos e/ou sofrimento psíquico e físico (Organização Mundial da Saúde, 2020).

Além disso, aproximadamente 30% das experiências de parto podem ser consideradas traumáticas e/ou como tendo componentes de Violência Obstétrica (Mena-Tudela *et al.*, 2020).

Uma das ações promovidas pelo Ministério da Saúde direcionada como medida para promoção da humanização da assistência às gestantes, diminuição da mortalidade materna e neonatal, buscando o direito ao planejamento reprodutivo, humanização da assistência ao parto e questões atreladas ao aborto e puerpério foi a Rede Cegonha (Ribeiro *et al.*, 2021), na qual existe uma atuação considerável da enfermagem.

Nessa perspectiva, o estudo de Castro e Rocha (2020) destacou que os enfermeiros são os profissionais que geralmente têm contato com gestantes, à medida que desempenham um papel fundamental no acompanhamento do pré-natal, parto, pós-parto e nas visitas domiciliares. Assim, a equipe de enfermagem possui a capacidade de intervir diretamente no reconhecimento de casos de violência obstétrica, inclusive por meio da comunicação com outros profissionais da equipe.

Com vistas ao exposto, apresenta-se como questão norteadora deste estudo: Mediante do reconhecimento da violência obstétrica como um problema de saúde pública, como é a assistência da enfermagem perante a violência obstétrica?

Mediante o exposto anteriormente, esse estudo de revisão de literatura teve como objetivo compreender a assistência do enfermeiro perante casos de violência obstétrica. Nesse sentido, os objetivos específicos foram: descrever a conduta do enfermeiro perante a violência obstétrica e pontuar medidas de humanização do enfermeiro durante o parto, visando a prevenção da violência obstétrica.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As dores do parto são incluídas na natureza humana e estão em associação com a possibilidade do ser humano de gerar uma vida. Além das dores de caráter fisiológico, as dores de quaisquer agressões durante o nascimento geralmente permanecerão nas lembranças das vítimas a longo prazo como um episódio de trauma e desagradável de memória. Assim, o período do parto deveria ser denominado e lembrado idealmente com um instante em que as mulheres se sentem realizadas e tendo um manejo respeitoso e de maneira humanizada pelos profissionais de saúde (Brandt *et al.*, 2018).

À medida que o tempo foi passando nota-se a existência de mudanças consideráveis na maneira de “dar à luz”, como os inúmeros tipos de partos: cesáreo, fórceps, natural, com a representação da figura de um profissional capacitado seja médico e/ou enfermeiro obstetra para auxiliar, a empregabilidade de técnica séptica, medicamentos e manobras que possam ajudar acelerar o parto. Nesse sentido, percebe-se que esta inserção de tecnologias desencadeou alguns benefícios, porém tem contribuído para a desumanização do parto e aberto caminhos para a violência obstétrica (San Felice *et al.*, 2014).

Sobre o conceito de violência obstétrica, Serra (2018) disse que a violência obstétrica pode ser caracterizada pela apropriação do corpo da mulher, em seu processo reprodutivo, pela equipe de saúde que atua durante o parto de maneira desumanizada. Já para Tesser *et al.* (2015) houve uma explicação de que essa “expressão engloba uma série de formas de violência durante o cuidado obstétrico, que incluem maus tratos físicos, psicológicos e verbais, assim como procedimentos desnecessários e danosos”.

Conforme percebido por Silva *et al.* (2014) a respeito das categorizações da violência obstétrica, notou-se que existem inúmeras configurações verbalizadas de violência cometidas pelos diversos profissionais de saúde, assim como realização dispensável de vários procedimentos, além de uma ausência de preparo geral no que se refere a assistência humanizada.

Além disso, a violência obstétrica acontece de várias formas a muitas mulheres, podendo ocorrer anteriormente, durante e após o trabalho de parto. A sua caracterização se dá pela privação de direitos, negligência no atendimento, negação na assistência humanizada a necessidade de abortamento, negação de privacidade, indução da cesárea na ausência de necessidade, realização de procedimentos médicos sem consentimento, procedimentos desnecessários, negação de analgesia, impedimento da movimentação da parturiente, impedimento do contato da mãe com o recém-nascido, além de agressões verbais como: ofensas, humilhação e falas de cunho preconceituosas (Macedo, 2018).

De acordo com Cutrim, Sousa e Pires (2016), a Argentina e a Venezuela foram os países latino-americanos pioneiros na abordagem da violência obstétrica, tendo sido promulgada a lei nº 25.929 na Argentina, denominada em seu país como a “Ley do Parto Humanizado”, onde a mesma

traz uma disposição a respeito dos direitos femininos no que se refere à gestação, ao trabalho de parto, o nascimento do filho e o pós-parto. Todavia, os mesmos autores relataram que nos Estados Unidos ainda não existe nenhuma lei que possa trazer respaldo a mulher quanto à violência obstétrica.

Tratando-se do território brasileiro, nota-se que existe uma movimentação com um projeto de Lei nº 7.867/2017 que traz disposição a respeito de medidas de proteção contra a violência obstétrica e de divulgação de boas práticas para a atenção à gestação, parto, nascimento, abortamento e puerpério. Neste mesmo período em questão, no estado de Santa Catarina, ocorreu a aprovação da Lei estadual nº 17.097/ 2017, a qual mesma tem disposição no que se refere a implantação de medidas de informação e proteção à gestante e parturiente contra a violência obstétrica no Estado de Santa Catarina (Brasil, 2017).

Dessa maneira, a formação do profissional enfermeiro obstetra se configura como uma das formas existentes para a conquista de uma assistência humanizada e digna para a mãe e o bebê, de modo a demandar o envolvimento, o empenho e a colaboração de diferentes áreas envolvidas, como instituições de ensino, serviços de saúde, entidades de classes e profissionais (Jardim *et al.*, 2021).

Por mais que existam diretrizes que apontem para a execução de um novo modelo de assistência obstétrica com destaque para a prática da humanização, o uso intenso de medicações e o modelo hospitalocêntrico ainda é muito difundido no Brasil, sendo muito embasado pela linha de cuidado centrada no profissional, o que corrobora com a utilização de procedimentos invasivos e tecnologias duras (Trevisano *et al.*, 2022). Ademais, pode-se chegar à afirmativa de que pelo menos “uma a cada quatro mulheres sofrem algum tipo de violência durante o parto (Brandt *et al.*, 2018).

Nesse sentido, segundo uma pesquisa realizada com a enfermagem que possui atuação em uma Unidade Básica de Saúde no Distrito Federal, os resultados alcançados demonstraram que a compreensão sobre a violência obstétrica e suas práticas foi bem superficial, de modo em que houve uma abordagem deficiente no pré-natal. Apesar de terem uma percepção frágil, conseguiram trazer à tona algumas condutas e possíveis consequências das violências para as mulheres, demonstrando ainda terem opiniões favoráveis a determinadas práticas convencionais denominadas como abusivas (Silva; Aguiar, 2020).

Portanto, o saber-fazer do enfermeiro deve alcançar de tomar conhecimento e gerar intervenções a respeito dos inúmeros acontecimentos que possam permear a saúde da mulher, assim como ao neonato e sua família, com ética, senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, de maneira culturalmente sensível às mudanças existentes no grupo populacional assistido (International Confederation of Midwives, 2010).

Além disso, a temática da violência obstétrica está recebendo cada vez mais atenção, pois tem afetado muitas mulheres e é notória a urgência de mudanças para a prevenção tais ocorrências, conforme as diretrizes já estabelecidas. Para promover essa transformação, uma das vertentes de aspecto fundamental é que os gestores e autoridades públicas implementem e fiscalizem políticas que garantam o parto humanizado nas instituições de saúde, conforme destacado por (Brandt *et al.*, 2018).

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo de revisão integrativa de literatura, que segundo Mendes; Silveira; Galvão (2008) é método de pesquisa permite a síntese de diversos estudos publicados possibilitando a conclusões gerais a respeito de uma determinada área de estudo. Pode é dividido em seis etapas: Primeira etapa: identificação o tema e selecionar as fontes secundárias nas bases de

dados online; Segunda etapa: amostragem ou busca na literatura com estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos; Terceira etapa: coleta de dados com definição de informações a serem extraídas dos estudos selecionados e categorização dos estudos; Quarta etapa: análise crítica dos estudos incluídos; Quinta etapa: interpretação e discussão dos resultados e sexta etapa: apresentação da revisão/síntese de conhecimento.

A busca bibliográfica ocorreu por meio da Biblioteca Regional de Medicina (BIREME) sobre a produção do conhecimento referente a assistência de enfermagem na violência obstétrica e nas bases de dados online *PubMed*, *Science Direct*, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), selecionando artigos publicados nos idiomas inglês, espanhol e português, preferencialmente no período dos últimos cinco anos. Os descritores utilizados estão descritos no Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), foram os seguintes: violência contra a mulher, “Gravidez”, “Enfermagem” e “Violência Contra a Mulher”, tendo sido cruzados com os operadores booleanos “AND” e “OR”. Recorte temporal 2019 a 2024.

Os critérios de inclusão foram os seguintes: estudos clínicos randomizados e epidemiológicos, revisões de literatura sistemáticas e não sistemáticas, relatos de casos clínicos, documentações, além da literatura cinzenta (trabalhos de conclusão de curso, monografias de especialização, dissertações de mestrado e teses de doutorado) e capítulos de livros. Já os critérios de exclusão foram representados por: editoriais, textos publicados em anais de eventos, estudos *in vitro*, estudos com animais e artigos publicados antes de 2018.

4 RESULTADOS

A busca nas bases de dados eletrônicas resultou em 969 artigos cujos títulos repetidos e artigos desatualizados anteriores a 5 anos foram excluídos, restando 15 registros para a leitura dos títulos e resumos, sendo selecionados 10 registros para a construção do quadro abaixo. Os 10 artigos científicos que se enquadram nos critérios propostos no estudo foram organizados no quadro a seguir.

Quadro 1. Estudos científicos incluídos descritos de acordo com autor, base de dados, fonte, tipo de pesquisa, título do texto e desfecho.

AUTOR	BASE DE DADOS	FONTE	TIPO DE PESQUISA	TÍTULO DO TEXTO	DESFECHO
Alexandria, Samara Telles de, et al 2019	BIREME	Cultura de Los Cuidados	Estudo qualitativo	La violencia obstétrica bajo la perspectiva de los profesionales de enfermería involucrados en la asistencia al parto	As experiências dos profissionais revelaram que a ocorrência de violência obstétrica ainda é bastante comum. Observou-se que os profissionais de enfermagem possuem conhecimento

					sobre o tema e suas práticas. A conclusão destaca a necessidade de reduzir esses agravos por meio de ações estratégicas e protocolos assistenciais
Menezes, Fabiana Ramos de <i>et al.</i> 2020	<i>SciELO</i>	Interface – Comunicação, Saúde, Educação	Estudo descritivo e exploratório de abordagem qualitativa	O olhar de residentes em Enfermagem Obstétrica para o contexto da violência obstétrica nas instituições	Os residentes registraram a prática da violência obstétrica e suas repercussões para as mulheres, além de problemas nas instituições de saúde, como racismo institucional, desigualdade no atendimento e julgamentos por parte dos profissionais
Silva, Thalita Monteiro da <i>et al.</i> 2020	<i>SciELO</i>	Acta Paulista de Enfermagem	Estudo descritivo, de abordagem qualitativa	Violência obstétrica: a abordagem da temática na formação de enfermeiros obstétricos	A formação dos enfermeiros sobre violência obstétrica deve ser ampla, pois são fundamentais na promoção de um atendimento de qualidade às mulheres. Orientações adequadas diminuem a probabilidade de violência obstétrica.
Mena-Tudela,	<i>PubMed</i>	Int J Environ Res Public Health	Estudo de validação de instrumento	Design and Validation of the PercOV-S	O instrumento PercOV-S (Percepção da

Desirée <i>et al.</i> 2020				Questionnaire for Measuring Perceived Obstetric Violence in Nursing, Midwifery and Medical Students	Violência Obstétrica em Estudantes) foi validado com sucesso. Foram observadas relações estatisticamente significativas entre as variações sociodemográficas e as medidas globais, domínios e itens da escala PercOV-S, destacando a normalização da violência obstétrica como um aspecto central que merece ser explorado
Sousa Maria de Patricia <i>et al.</i> 2021	LILACS	Revista Nursing	Revisão sistemática da literatura	Violência obstétrica: fatores desencadeantes e medidas preventivas de enfermagem	O parto é um acontecimento repleto de possíveis equívocos, condutas dolorosas e negligências, que podem gerar a violência obstétrica causando traumas físicos e psicológicos irreversíveis. A capacitação dos profissionais que acompanham desde o pré-natal é primordial, pois uma assistência humanizada é essencial durante todo o processo

					de pré-parto e puerpério
Zanchetta, Margareth Santos <i>et al.</i> 2021	LILACS	Escola Anna Nery	Estudo multicêntrico	Ampliando vozes sobre violência obstétrica: recomendações de advocacy para enfermeira(o) obstetra	As evidências apoiam a criação de recomendações para a advocacy de enfermeiros e a reformulação de práticas institucionais. As recomendações multidimensionais para advocacy e suas estratégias estão alinhadas à promoção da saúde das mulheres, fortalecendo a capacidade de liderança social transformadora para atender aos anseios
Nascimento David Ederson <i>et al.</i> 2022	BIREME	Revista Nursing	Estudo exploratório, descritivo e de abordagem qualitativa	Vivências sobre violência obstétrica: Boas práticas da Enfermagem na assistência ao parto	A ideia de humanização garante melhoria na assistência, considerando o modelo centrado na mulher. Para isso, torna-se necessário que os hospitais sejam locais acolhedores. Ficou evidente a necessidade de um elo sólido entre os profissionais de saúde e as parturientes, bem como a educação em saúde e educação permanente sobre

					as boas práticas assistenciais
Santana, Maria Helena Rodrigues, 2023	LILACS	Escola Superior de Enfermagem de Coimbra	Dissertação de Mestrado	Violência Obstétrica na Perspectiva dos Enfermeiros Especialistas em Enfermagem de Saúde Materna e Obstétrica	Os enfermeiros desempenham um papel fundamental no cuidado às mulheres em trabalho de parto, como os primeiros a entrar em contato com estas mulheres nos serviços de saúde e geralmente mantêm um relacionamento de longo prazo com as mesmas. No entanto, a literatura tem demonstrado a falta de formação para os profissionais sobre o assunto
Runyon, Maggie et al. 2023	<i>Science Direct</i>	Nurs Womens Health		Exposing the Role of Labor and Delivery Nurses as Active Bystanders in Preventing or Perpetuating Obstetric Violence	Como espectadores ativos, enfermeiros de parto e parto estão em uma posição única para prevenir ou perpetuar a violência obstétrica durante o parto e o parto. Enfermeiros perinatais devem liderar a mudança para práticas de atendimento informadas sobre traumas para

					mitigar a violência obstétrica e reduzir o trauma do parto.
Silva Mariana Franciscana da; Do Ó Tawana de Araújo e Da Silva Ednaldo Antônio, 2023	<i>SciELO</i>	Brazilian Journal of Health Review	Revisão de literatura integrativa	Violência obstétrica na perspectiva da enfermagem obstétrica no Brasil	O papel da Enfermagem na violência obstétrica envolve realizar escuta ativa, evitando constrangimentos, e direitos e opções claras durante o pré-natal, parto e pós-parto, utilizando linguagem acessível sobre procedimentos e intercorrências. A equipe de enfermagem deve apoiar a tomada de decisões, encaminhando casos para acompanhamento médico obstetra, além de colaborar para evitar técnicas invasivas e ineficazes. Também é fundamental promover a formação de equipes multiprofissionais, atuar em rede e realizar os procedimentos necessários na sala de parto e enfermaria obstétrica

5 DISCUSSÃO

As informações foram agrupadas e selecionadas, após leituras dos artigos selecionados e emergiu três categorias: Enfermeiro frente a violência obstétrica, A humanização do parto x enfermeira obstetra, implantando boas práticas na assistência ao parto.

5.1 ENFERMEIRO FRENTE A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

Os estudos evidenciam a persistência da violência obstétrica nas instituições de saúde, apesar do conhecimento dos profissionais sobre o tema. A presença de práticas abusivas, como discriminação e julgamentos, é frequentemente relatada, refletindo problemas estruturais que perpetuam essa violência. Além disso, o parto, embora considerado um evento natural, é um momento vulnerável que pode ser marcado por condutas negligentes, com consequências físicas e emocionais para as mulheres. A validação de instrumentos de mensuração destaca a normalização da violência obstétrica como um aspecto crítico a ser abordado.

A formação dos profissionais de enfermagem é um ponto crítico destacado em diversos estudos sobre violência obstétrica. Silva *et al.* (2020) enfatizam que uma educação abrangente e específica sobre esse tema é essencial para capacitar os enfermeiros a considerarem e intervir especificamente em situações de violência obstétrica, garantindo um atendimento de qualidade às mulheres durante o parto. Essa formação deve incluir orientações sobre práticas humanizadas e estratégias para minimizar riscos e agravos, conforme também sugerido por Sousa *et al.* (2021), que indicam que o preparo dos profissionais desde o pré-natal é fundamental para evitar condutas prejudiciais que possam resultar em traumas físicos e psicológicos.

Além disso, a validação do instrumento PercOV-S por Mena-Tudela *et al.* (2020) evidencia a necessidade de integrar a discussão sobre a normalização da violência obstétrica nos currículos acadêmicos, para que os futuros profissionais possam não apenas considerar essa violência, mas também desenvolver habilidades para combatê-la.

Santana (2023) ressalta que, apesar da relevância do tema, a literatura aponta uma lacuna significativa na formação dos enfermeiros em relação à violência obstétrica, o que destaca a urgência de incluir essa temática de forma mais robusta nos programas de formação em enfermagem. Essa abordagem educacional deve ser reforçada por políticas institucionais que promovam a sensibilização e a capacitação contínua dos profissionais, como forma de garantir um atendimento mais humanizado e respeitoso às mulheres.

Runyon *et al.* (2023) corroboram essa ideia ao defender de que os enfermeiros obstetras devem ser agentes ativos na prevenção da violência obstétrica, propondo mudanças práticas que considerem o trauma. Essa abordagem educacional deve ser reforçada por políticas institucionais que promovam a sensibilização e a capacitação contínua dos profissionais, como forma de garantir um atendimento mais humanizado.

5.2 A HUMANIZAÇÃO DO PARTO X ENFERMEIRA OBSTETRA

A análise dos artigos revisados destaca a prevalência da violência obstétrica e a necessidade urgente de uma abordagem mais humanizada no atendimento a mulheres durante o parto. O estudo de Alexandria (2019) e Telles (2020) evidencia que a violência obstétrica ainda é uma realidade nas práticas de enfermagem, com profissionais monitorando sua ocorrência e apontando a importância de implementar protocolos assistenciais para mitigar esses agravos.

Essa perspectiva é reforçada por Silva *et al.* (2020), que identificaram a prática da violência obstétrica e suas consequências, como o racismo institucional e a desigualdade no atendimento, demonstrando que tais problemas estão enraizados e que há uma demanda clara por ações estratégicas e protocolos assistenciais que promovam uma cultura de cuidado respeitosa e digna, ressaltando a importância da formação contínua dos profissionais de saúde para garantir um parto humanizado e a proteção dos direitos das mulheres.

Alexandria, *et al.*, (2019) revelam que os profissionais de enfermagem envolvidos com o trabalho de parto devem atuar de forma holística e humanizada, valorizando este momento único na vida da mulher, reduzindo potenciais danos e evitando ações que levem a atos de violência. O enfermeiro pode contribuir para a melhoria da qualidade ao processo de parturição, tem o papel essencial na condução de sua equipe para que a assistência seja isenta de violência.

5.3 IMPLANTANDO BOAS PRÁTICAS NA ASSISTÊNCIA AO PARTO

Sobre as medidas de humanização no parto, os estudos de Sousa *et al.* (2021), Zanchetta *et al.* (2021); Nascimento *et al.* (2022) convergem na defesa da criação de recomendações para a *advocacy* de enfermeiras e na reformulação das práticas institucionais, movimentos à promoção da saúde das mulheres. Todos os trabalhos enfatizam a importância de um modelo de assistência centrado na mulher, que priorize a humanização e a criação de ambientes hospitalares acolhedores.

A proposta de Zanchetta *et al.* (2021), que destaca estratégias multidimensionais de advocacia, complementando as evidências apresentadas por Sousa *et al.* (2021) sobre a necessidade de educação permanente e boas práticas assistenciais, reforçando que o elo entre profissionais de saúde e parturientes é essencial para transformar a assistência obstétrica.

Para Nascimento *et al.* (2022) as boas práticas na assistência ao parto devem ser implantadas para reduzir o risco de violência obstétrica. A equipe de enfermagem deve proporcionar um ambiente confortável, calmo, tranquilo e fornecendo informações de cada etapa do parto.

A capacitação deve incluir não apenas a identificação e prevenção da violência, mas também a promoção de práticas respeitadas e humanizadas durante o parto. Uma abordagem na comunicação e na empatia pode ajudar a criar um ambiente de confiança e respeito entre profissionais e parturientes (Zanchetta *et al.*, 2021).

Em conjunto, essas pesquisas sublinham a importância de uma liderança social transformadora, que busca atender aos anseios das mulheres durante o parto, promovendo uma assistência mais respeitosa e humanizada. É vital que se desenvolvam programas de formação contínua para os profissionais de saúde, especialmente enfermeiros, sobre a temática da violência obstétrica Sousa *et al.* (2021).

6 CONCLUSÃO

A enfermagem desempenha um papel crucial em identificar situações de violência obstétrica, na promoção de um ambiente seguro e acolhedor e na educação das mulheres sobre seus direitos e opções de cuidado. Além disso, a formação contínua em pautas relacionadas à violência obstétrica é essencial para capacitar o profissional.

É imperativo que as instituições de saúde adotem políticas que promovam a sensibilização dos enfermeiros, integrando a prevenção da violência obstétrica nas diretrizes de atenção à saúde materno-infantil, contribuindo para uma experiência de parto mais segura e humanizada.

REFERÊNCIAS

- BRANDT, Gabriela Pinheiro *et al.* Violência obstétrica: a verdadeira dor do parto. **Revista Gestão & Saúde**, Curitiba, v. 1, n 1 p.19-37, mar. 2018. Disponível em: <https://www.herrero.com.br/files/revista/file2a3ed78d60260c2a5bedb38362615527.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2024.
- BRASIL. **Lei nº 17.097, de 17 de janeiro de 2017**. Implantação de medidas de informação e proteção à gestante e parturiente contra a violência obstétrica no estado de Santa Catarina. Santa Catarina, jan. 2017. Disponível em: http://leis.aleg.br/html/201717097_2017_Lei.html . Acesso em: 19 fev.
- CASTRO, Antonia Tainá Bezerra.; ROCHA, Sibeles Pontes. Violência obstétrica e os cuidados de enfermagem: reflexões a partir da literatura. **Revista Enfermagem em Foco**, Brasília, v. 1, n 1 p. 176-182, 12 de novembro. 2020. Disponível em: <https://repositori.uniceub.br/jspui/bitstream/prefixo/15075/1/61350726.pdf> . Acesso em: 18 mai. 2024.
- CONFEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE PARTEIRAS. **Competências essenciais para a prática básica da obstetrícia**. Haia, Holanda: ICM, jan. 2010. Disponível em: <https://internationalmidwives.org/reso/competencias-essenciais-para-pratica-de-obstetricia/> . Acesso em: 01 mar. 2024.
- DA SILVA, Thalita Monteiro *et al.* Violência obstétrica: a abordagem da temática na formação de enfermeiros obstétricos. **Acta Paulista de Enfermagem**, Teresina, v.33, n.1, p.1-8, mar. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/C8VTQNXNTF8whR9QFbQvZDP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 set. 2024.
- DA SILVA, Mariana Franciscana; DO Ó, Tawana de Araújo Leite Freitas; DA SILVA, Ednaldo Antonio. Violência obstétrica na perspectiva da enfermagem obstétrica no Brasil. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v.6, n.1, p. 3210–3224, out. 2023. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/57186/41868>. Acesso em: 01 set. 2024.
- DE ALEXANDRIA, Samara Telles *et al.* La violencia obstétrica bajo la perspectiva de los profesionales de enfermería involucrados en la asistencia al parto. **Cultura de Los Cuidados**, Juazeiro do Norte, Ceará v.23, n.53, p.119-128, jan. 2019. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/91758/1/CultCuid_53-119-128.pdf. Acesso em: 02 jul. 2024.
- DE MENEZES, Fabiana Ramos *et al.* O olhar de residentes em Enfermagem Obstétrica para o contexto da violência obstétrica nas instituições. **Interface, Comunicação, Saúde, Educação**, Belo Horizonte, v.24, n.1, p.1-14, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/SNcjQGxYnDGYbfXPCTvcsgq/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 set. 2024.

DE SOUSA, Maria Patrícia Vitorino. Violência obstétrica: fatores desencadeantes e medidas preventivas de enfermagem. **Revista Nursing**, Juazeiro do Norte, v.24, n.279, p.6015-6019, 2021. Disponível em: <https://www.revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/1707/1958>. Acesso em: 06 jun. 2024.

DO NASCIMENTO, David Ederson *et al.* Vivências sobre violência obstétrica: Boas práticas da Enfermagem na assistência ao parto. **Revista Nursing**, Recife, v.25, n.291, p.8242-8247, 2022. Disponível em: <https://www.revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/2662/3224>. Acesso em: 08 jun.2024.

GREGORIO, D' Pérez. Obstetric violence: A new legal term introduced in Venezuela. **International Journal of Gynecology and Obstetrics**, Caracas, v.111, n.1, p.201-202, 2010. Disponível em: https://www.redehumanizaus.net/sites/default/files/figo_-_violencia_obstetrica_-_legislacao_na_venezuela.pdf. Acesso em: 16 set. 2024.

JARDIM, Danúbia Mariana Barbosa *et al.* O Programa de Residência em Enfermagem Obstétrica do Hospital Sofia Feldman sob a perspectiva dos residentes: potencialidades e desafios. **Saúde Em Redes**, Belo Horizonte, v.7, n.3, p.1-15, 2021. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/3341/765>. Acesso em: 18 mai. 2024.

MACEDO, Tammy Rodrigues Cavaleiro. **A violência obstétrica como violência institucional de gênero: uma leitura crítica e feminista**. Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Direito. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, jul. 2018. 74 f. Disponível em : <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/6138/1/TRCMacedo.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2024.

MENA-TUDELA, Desirée *et al.* Design and Validation of the PercOV-S Questionnaire for Measuring Perceived Obstetric Violence in Nursing, Midwifery and Medical Students. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Castellón, v.17, n.21, p.1-11, 2020. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7662790/pdf/ijerph-17-08022.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2024.

MENDES, Karina Dal Sasso *et al.* Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis, v.17, n.4, p.1-7, 2008. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-507765>. Acesso em: 25 mar. 2024.

MILLER, Suellen; LA LONDE, Andre. The global epidemic of abuse and disrespect during childbirth: History, evidence, interventions and FIGO's 'her mother's baby-friendly birth' initiative. **International Journal of Gynecology & Obstetrics**, San Francisco, v.131, n.1, p.549-552, 2015. Disponível em: <https://obgyn.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1016/j.ijgo.2015.02.005>. Acesso em: 12 set. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção e eliminação de abusos: desrespeito e maus-tratos durante o parto em instituições de saúde**. Suíça, 2020, 4f. Disponível em: <https://iri.quem.int/bitstream/manipular/10665/134588/QUEM;jsessionid=09C69C9355DCD4104FFE18C3D4EA98DB?s=3> . Acesso em: 25 mai.2024.

CUTRIM, Felipe Jansen; DE SOUSA, Wanderson Kleyton Barbosa; PIRES, Kelly da Silva. **Violência obstétrica no Brasil: uma análise dos estatutos jurídicos de proteção à mulher gestante no país e no direito comparado**. São Luís, dez. 2016, 8f. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/54353/violencia-obstetrica-no-brasil-uma-analise-dos-estatutos-juridicos-de-protecao-a-mulher-gestante-no-pais-e-no-direi-comparado> . Acesso em: 25 mar.

RIBEIRO, Karine Gondim. *et al.* Caracterização da violência obstétrica na produção científica: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, Montes Claros, v.13, n.4, p.1-8, abr. 2021. Disponível em : <https://acervomais.com.br/index.php/saude/artigo/view/6604/4361> . Acesso em: 17 mar. 2024.

RUNYON, Maggie *et al.* Exposing the Role of Labor and Delivery Nurses as Active Bystanders in Preventing or Perpetuating Obstetric Violence. **Nurse Women Health**, s.l, v.27, n.5, p.330-336, ago. 2023. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37572697/>. Acesso em: 09 jun. 2024.

SAN FELICE, Froés de Oliveira *et al.* Do parto institucionalizado ao parto domiciliar. **Revista Rene**, Fortaleza, v.15, n.2, p. 362-370, mar. 2014. Disponível em: <http://p.ufc.br/rene/artigo/view/3170> . Acesso em: 01 mar. 2024.

SANTANA, Maria Helena Rodrigues. **Violência Obstétrica na Perspectiva dos Enfermeiros Especialistas em Enfermagem de Saúde Materna e Obstétrica**. 2023. 97f. Dissertação de Mestrado em Enfermagem e Saúde Materna. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, Coimbra, mai. 2023. Disponível em: <https://repositorio.esenfc.pt/rc/>. Acesso em: 03 jul. 2024.

SERRA, Mariane Cibele de Mesquita. **Violência obstétrica em (des)foco: uma avaliação da atuação do Judiciário sob a ótica do TJMA, STF e STJ**. 2018. Dissertação de Mestrado em Direito. Universidade Federal do Maranhão, São Luís, jan. 2018. Disponível em: <https://tede.ufma.br/jspui/handle/tede/2159> . Acesso em: 02 mar. 2024.

SILVA, Michelle Gonçalves *et al.* Violência obstétrica na visão de enfermeiras obstetras. **Revista Rene**, Campinas, v.15, n.4, p.720-728, set. 2014. Disponível em : https://www.redalyc.org/pdf/3240/324032212020_2.pdf . Acesso em: 05 mar. 2024.

SILVA, Mariana Isidoro; AGUIAR, Ricardo Saraiva. Conhecimento de enfermeiros da atenção primária sobre violência obstétrica. **Revista Nursing**, São Paulo, v.23, n.271, p.5013-5024, dez. 2020. Disponível em : <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/res/pt/biblio-1147016> . Acesso em: 17 mar. 2024.

TESSER, Charles Dalcanale *et al.* Violência obstétrica e prevenção quaternária: o que é e o que fazer. **Revista Brasileira de Medicina da Família e da Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 35, p.1-

12, mar. 2015. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbm/artigo/visualizar/1013> . Acesso em: 05 set. 2024.

TREVISANO, Rebeca Gonçalves *et al.* Fragilidades da mulher no parto e puerpério: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Desenvolvimento**, Sorocaba, v. 8, n. 3, p. 20637-20655, mar. 2022. Disponível em: <https://ojs.braz.com.br/ojs/indice.php/B/um/vi/4>. Acesso em: 02 set. 2024.

ZANCHETTA, Margareth Santos *et al.* Ampliando vozes sobre violência obstétrica: recomendações de advocacy para enfermeira(o) obstetra. **Escola Anna Nery**, Toronto, v.25, n.5, p.1-13, 2021. Disponível em: <https://www.revenf.bvs.br/pdf/ean/v25n5/1414-8145-ean-25-5-e20200449.pdf>. Acesso em: 05 ag. 2024.